

SUMARIO

Quem sois, leitor amigo?
Teria você vivido anteriormente?
Dois Contos Iniciais
A Escrita Hieroglífica do Antigo Egito.
Pensamentos, Maximas, etc.
A Criação do Mundo
Horóscopo



CIENCIAS - FILOSOFIAS - RELIGIÕES ETC.

O LUZEIRO

DIRETOR:
Dr. Clovis Bladaschia
GERENTE:
Dr. Ermelino J. Pugliese
SECRETARIO:
Socrates H. de Oliveira
TESOUREIRO:
Luiz Boschetti

Redação: Av. Industrial, 52 - 1.º andar — SANTO ANDRE' — E. F. S. J. — S. Paulo — Brasil

Quem Sois, Leitor Amigo?

LAURENTUS

A Realidade é o Mistério. Tal a maior altura a que pode chegar a nossa filosofia.

A mim pouco importa o que sei; importa, sim, o que ainda não sei, porém, aquilo que ignorarei para sempre é o que mais me entristece e subjugua. Nada mais transcendente pôde sonhar Spencer do que o seu Eterno Incognoscível. Nada mais grato para o eleito do que aquilo que ele jamais verá, nem mesmo com os sublimes olhos do Espírito.

Vejo carne, aspiro mistério. Vejo sombras, aspiro luzes. Vejo o que não me interessa, porém o que mais amo é aquilo que eternamente continuará oculto.

O ator e o orador vêm o seu público; o general, o seu exército; o mestre, os seus discípulos; o pai, os seus filhos; porém, eu, a vós, leitor amigo, para quem escrevo há muito tempo, e que jamais vos conheceria, a menos que viésseis aos meus braços.

Pode haver algo mais sublime do que trabalhar para os desconhecidos e pelo Desconhecido?

Surge a idéia na mente, e a pena logo a imprime no papel... Mas o que o escritor não pôde saber é o emprêgo bom ou máu que de tal esforço podem fazer os seus leitores.

Será o veneno ou o bálsamo consolador? A virtude ou o crime? A verdade ou a mentira? A maldição ou o fruto bendito?

O bem e o mal não estão em nossos atos, mas em nosso pensamento, pelo que seremos julgados. Maior é a ferida que produz a língua do que o punhal; mais que a língua, a pena, quando dirigida por mãos inábeis...

Na atualidade, é com a pena molhada na negra tinta do ódio, da mentira, da falsidade e da vingança, que se discutem os menores assuntos da vida.

Não falemos da politica...

Entretanto, graças à pena, possuímos toda a História humana. Por ela nos fazemos conscientes e livres. Por ela, eternos são os pensamentos. A idéia é o Verbo que toma carne através da pena.

Eis porque sinto receio quando escrevo.

Sim, toda profissão é sacerdócio ou comércio, segundo é exercida pelo altruísmo ou pelo egoísmo. Augusto e nobre sacerdócio, pois, deverá ser o da pena. *Pena vendida, pena maldita*. Seus prejuízos são maiores que os da peste ou da tuberculose.

No entanto, aquêle que bem escreve, isto é, escreve sobre boas coisas, nem sempre o faz para aquêles a quem devia.

A maioria nos lê às pressas, sem ligar importância; outros, entretanto, o fazem com carinho e admiração. Alguns procuram ler nossos trabalhos mais de uma vez, para nos entender; mas também há quem nos calunie e macule com a sua leitura. São estes os mais perigosos.

Nosso amigo não é propriamente aquele que nos lê, mas o que medita no que escrevemos colocando uma parte leal de nossa alma. A leitura meditada é o diálogo mudo entre duas almas que em uma se confundem: o leitor e o escritor. É um fenômeno idêntico ao dos laços espirituais que devem ser mantidos entre o doente e o médico para que a cura se realize. Em verdade, não são os medicamentos que curam, mas o magnetismo que se estabelece entre essas duas polaridades humanas, pouco importando os meios... Glória aos que sabem curar deste modo, porque o fazem dentro das leis que regem os próprios Universos. Assim agiam os grandes Taumaturgos, como Jesus, Apolônio de Tiana e outros mais à frente.

A boa leitura também produz milagres; educa o caráter e salva as almas...

São, pois, sagrados os laços que se formam entre o escritor e o seu público - uma espécie de paternidade transcendente contra o que de ineficaz têm produzido os séculos.

O que há de mais excélso no universo é o invisível: o átomo; o éter, veículo da força física; o sentimen-

TERIA VOCE VIVIDO ANTERIORMENTE?

MARIO R. DE LUNA *

Acima de qualquer espirito dogmatico, é forçoso reconhecer que a hipótese de vidas anteriores satisfaz perfeitamente a ansia de justiça, inata no coração do homem. Quem nasce em uma família de desherdados ou de criminosos, cego, ou com taras hereditarias, como não ha de queixar-se a Deus, ou á fatalidade, da injustiça do seu nascimento, injustiça que colocou a outros em lugares superiores, com saúde perfeita, em um meio ambiente mais apto para todo o progresso e felicidade? O rugido de feras das eternas questões sociais não têm, sem dúvida, outras causas alem das desigualdades de nascimento que falam, mais que de um "pecado original", comum a todos, de um "pecado originado na vida anterior de cada qual", e com o qual viemos a um mundo que logo nos fala, pomposamente, de igualdade diante da lei. Como pôde haver igualdade de criaturas desiguais desde o nascimento?! Si Deus é o Pai que ama igualmente a todos os seus filhos, como diz S. Mateus, que pai é este, que tão desigualmente repartiu entre os seus filhos a herança da vida? O caminho para a blasfemia fica aberto, assim... Talvez, por isso, Orígenes, Tertuliano e outros doutores cristãos primitivos foram partidarios de algumas "vidas anteriores", das quaes a vida atual, com suas qualidades e suas taras, fosse o prêmio ou o castigo.

Assim, na vida evolutiva da grande "floresta" humana, todas as humanas arvores seriam da mesma espécie; porem, umas, as "almas jovens" ou com poucas existencias prévias, não podem dar frutos bons por falta de experiencias, que noutras almas, "mais velhas", vem atezourando em grande numero, por efeito de quedas e de dores. Aquelas, como as crianças abandonadas a si mesmo, não podem fazer senão o mal, que é um bem imperfeito. Estas, ao contrario, já conhecedoras de que todo o mal tem sua sanção em uma ou outra vida (Karma ou retribuição da Lei natural), não pôdem sinão fazer o bem, que, experimentalmente, se encontra mais de acordo com sua natureza. Quem antes se suicidou, hoje suportará, héroicamente, as contrariedades que na vida anterior o arremessaram á loucura fatal, pois alguém definiu mui acertadamente a experiencia como um "escudo formado por todas as armas que nos feriram". O viciado de outra vida será santo na atual, o que é perfeitamente lógico quando se considera que, no lapso de uma mesma vida, grandes pecadores, como Madalena ou Sto. Agostinho, conseguiram se tornar santos. Como pedir á arzinha de três anos o mesmo fruto que á arvore corpulenta de três séculos? Deus é justo não dá coisa alguma a ninguém, senão o direito de conquistar.

Tudo isto é extraordinariamente convincente. Porem, o espirito comum que, de momento aceita a teoria da reencarnação, tão elementarmente exposta, pôde mais tarde levantar-se severo contra tal ideia. Si vivemos em outras ocasiões porque não nos recordamos disso? Porque, então, nascemos algumas vezes com um sexo e outras com outro? A malicia farisiaca tambem propôs a Jesus o caso do marido sucessivo das sete mulheres, perguntando de qual das sete seria ele o verdadeiro esposo no céu, ou seja, em uma vida ulterior, ao que o Mestre divino replicou, fazendo a mesma alusão aos "mistérios do Reino de Deus", mistérios esotéricos ou para os poucos, de que em ocasião analoga fala o capitulo XIII, versiculos 11 a 13, do Evangelho de S. Mateus.

A reencarnação era o primeiro daqueles mistérios, porque, de fato, segundo ela seja interpretada, pôde conduzir-nos a uma verdade sublime ou a um perigoso ridiculo. Perigoso, sim, porque com o eterno problema do sexo, essa doutrina poderá levar-nos á das "damas e cavalheiros" de antigamente, em que uma era a mulher verdadeira e a outra "a dama dos pensamentos", mulher verdadeira talvez em outra vida anterior. Disso resultaram varios casos lamentaveis entre inocentes espiritualistas. A funesta doutrina das "almas gêmeas", que se vêm conhecendo e amando ao longo de múltiplas existencias, á maneira de Manon Lescaut e o cavalheiro Des Grieux, e através das mais novelescas tragicomédias, é formidável empecilho contra o qual se oporá sempre a idéia simples da reencarnação, isso sem contar com a inevitavel vaidade de crermos-nos a reencarnação, nunca de criminosos, sempre de grandes homens; assim, em nossa grande experiencia de filosofia oriental, temos conhecido dois "Cervantes", três "Alcebiades" e varios "Dantes" e "Abelardos", com suas "Eloisas", que... valha nos Deus!

Assim colocados ante um problema, de que o mundo já se apoderou, sobretudo pela dôr do corte cruel de milhões de vidas em flôr na Grande Guerra, tem-se que dizer toda a verdade, não a funesta meia-verdade, sempre pior que a própria mentira. Para evitar más compreensões é que foi tornada secreta, antigamente, a tradicional verdade de que reencarnamos.

As linguas sabias (o latim a última) sempre diferenciaram no homem a "personalidade" inferior da "individualidade" interna. Aquela é méra "mascara" ou envoltura ("personna"), e esta equivale á "apoteosis" dos "dois em um", ou seja aquilo que na doutrina oriental arcaica (ou Sabedoria Tradicional das Idades, ou Teosofia) se denomina "divina Triade", que preside a cada "quaternario inferior", ou o homem de barro, de paixões, de ideias, e sentimentos concretos ou egoistas. A personalidade nasce ou morre aqui, com um sexo ou outro, sem jámais reencarnar, pelo que a pessoa de Fulano de Tal, "com tal mascara ou envoltura", nada foi antes dessa vida e nada será depois dela. Não ha para ela "Alcebiades", nem "Cervantes", que a justifiquem como "prolongamento" ante o "post mortem". Ao contrario, a Individualidade "superior" ou "Triade", preside a cada existencia individual, reencarnando, ou seja, tomando corpo ou instrumento de carne em diversas "personalidades", as quais "pessoas" são sempre diferentes umas das outras, como os numeros de uma mesma dezena, os dias de um mesmo ano e as pulsações de um mesmo coração. Pelo fato de haver um "cerebro distinto", em cada reencarnação, não é possivel a recordação; porém, existe a reminiscencia daquelas abstracões ou qualidades, libertadas pela grande "Abelha" da "Triade" divina, nas flores efêmeras das sucessivas personalidades em que reencarnou, e que jazem latentes em nosso

(conclui na pagina 7)

* Este artigo do Dr. Mario Raso de Luna, foi publicado em castelhano, na revista Dháraná n. 29, de 1928, para a qual foi especialmente escrito. Sua tradução para o português e a publicação em "O Luzeiro", é uma oferta de grande valor aos estudiosos de Ocultismo e, ao mesmo tempo, uma homenagem á memoria de Mario Raso de Luna. - Nota da Redação.

DOIS CONTOS INICIATICOS

I. L. PERETZ

O RAI0 APÓSTATA

E Deus que foi e será eternamente, desde toda eternidade, teve os seus sonhos. E seu sonhos costumavam realizar-se e corporificar-se. Mas perdiam-se logo depois nas trevas e na imensidão do cáos infinito.

Se Deus sonhava com uma torre, esta se erguia sobre o cumé das trevas, para logo em seguida cair, ruir, desabar, transformando-se em cinza e pó, que se espalhavam pelo abismo e cáos infinito.

Se Deus sonhava com um rio, este se erguia, transbordava de seu leite e rolava nas trevas do abismo e do cáos. Suas águas chocavam-se com as rochas e montes de novos sonhos divinos, espalhavam-se em ondas, as ondas transformavam-se em correntes, em linguas d'água, em fios d'água até reduzi-los a algumas gotas... Apareciam depois densas, negras e sequiosas nuvens, que sorriam as gotas d'aguas...

E o inferior erguia-se, através das trevas, até às alturas, e as enqulia. E mundos se defrontavam com mundos, chocavam-se, explodiam, caindo aos pedaços nas profundezas do abismo e do cáos. E desapareciam, como se jamais tivessem existido. E sobre as ruínas dos mundos destroçados, precipitavam-se ondas tenebrosas dos abismos e do cáos. Sorrindo, zombavam do Creador e de seus sonhos e grassavam pensamentos criminosos que voavam sobre azas negríssimas. Corvejando sobre pedaços desbaratados de sonhos destruídos, vasavam todo olho que abrisse nas trevas, querendo cintilar. E ventos furiosos sopravam e redomelhavam na escuridão, soterrando sob as cinzas do cáos, a menor fagulha de vida e vontade.

Até que Deus acordou de seus sonhos e pensou:

— Faça-se a luz!...

E a luz se fez. Ele a irradiou de si mesmo. Do mais belo sonho, da alma mais profunda, irradiou-se a luz divina.

E na luminosidade, todos os sonhos criados colocaram-se nos seus devidos lugares.

E na melhor das ordens, decorria um dia após

outro. E Deus viu que a luz era boa. Mas perto do bem ele viu também o mal. As sombras acompanhavam a luz... E ele, o Deus de justiça, sentiu-se arrependido de ter feito a luz que, emanando dele proprio, iluminava tanto o bem como o mal. E ele decidiu reservar a luz unicamente para os bons e os justos, para que estes recebessem com ela a recompensa de suas virtudes...

E Deus criou então os Castiçais Celestes: O Sol, para dominar o dia. A Lua e as estrelas, a noite. E chamou de volta os raios que irradiara de si mesmo...

E os raios voaram, de volta á sua origem. Mas um deles desgarrou-se dos demais, tornando-se apóstata!

— Os maus, pensou o Raio Apóstata, são os mais infelizes. E se agora todos os meus irmãos os abandonam, recusarei o céu e permanecerei com eles...

E o raio apóstata escondeu-se o cumé de um monte, na haste seca de uma roseira. Logo a roseira floriu. Logo as rosas se inflamaram sobre a haste e, enquanto isso, o céu fechou-se de novo.

De uma coisa não sabia o raio, isto é, que proximo á terra o mar é tão denso que lhe seria impossível atravessá-lo... Jamais ele conseguiria chegar ao pé do morro... Teria de permanecer muito alto, sem jamais chegar a ver a planície...

Quando veio a saber disso, já era tarde demais. O céu já se fechara. E quando baixinho, compungido pelo arrependimento, o raio bateu com a asa trêmula às portas do céu, um anjo compadecido lhe respondeu:

— Vai-te! Se Deus te vir, te exterminará! Ele não perdoa os apóstatas!

E o raio desceu novamente.

E ninguém sabe o que é feito do raio perdido, para o qual se fechara a moradia do alto e para quem a planície era demasiado baixa.

E apesar disso, sonha-se com ele, têm-se saudade dele... Presentem-no os corações... Sem o saber, almejam-no as almas...

O NAVEGANTE SOLITARIO

Aos pés da montanha, corre um rio. Singrando suas águas, os navios transportam, de terra em terra, o sangue e o suor humano, convertidos nas mãos variadas mercadorias. Também ha sêres humanos que se transportam, de navio em navio, de uma terra a outra, de um país a outro... Quando alguém se cança de viver sempre na mesma terra, viaja então para outra. E durante algum tempo, parece-lhe ter começado vida nova. Voluntaria ou involuntariamente, um outro maculou a alma. E ei-lo que navega, á procura de novos vizinhos que, desconhecendo sua mancha, não na apontem o dedo!

Os navios sulcam as águas. Barcos grandes e pequenos, todos repletos de mercadorias e apinhados de pessoas, que contemplam saudosas a terra que deixam ou, tímidas e esperançosas, a terra de que se aproximam.

Apenas um navio segue solitário. O capitão é também o seu unico passageiro.

— Para onde velejas, navegante solitario? Aonde leva a tua rota? O navegante solitario não responde. Com o tempo, deixam de interroga-lo e de o saudar... Aquele barco solitário não é familiar. Não o é tão pouco o semblante sombrio do navegante. Seus olhos frios e cintilantes espreitam como punhais refulgentes...

E o dia todo veleja o navegante solitario. Só á noite, quando a névoa envolve o barco, que não possui uma única lanterna, só então ele navega em direção á montanha, ancora á sombra das rochas e penhascos. E o barco descança, envolto em névoas, até que a estrela matutina vem anunciar o novo dia. Mas só o barco descança. O navegante não...

(Conclui na página 7)

* PERETZ é uma das figuras máximas da literatura judaica. Suas obras, hoje clássicas, imbuem-se no estudo de todo o leitor deseioso de entrar em contacto com a cultura de Israel. Peretz não é apenas um escritor judeu, ao alcance exclusivo da mentalidade judaica. Embora escrevendo em idiche, a sua mensagem é de sentido e alcance universal — como podemos observar nestes dois contos transcritos.

A ESCRITA HIEROGLIFICA DO ANTIGO EGITO



FOI em Setembro de 1822, que o sabio francês Champollion, estudando o obelisco de Rosette e, servindo-se das buscas anteriores de Sylvestre de Sacy e de Young, revelou, em uma famosa carta a Daciérs, o misterio dos hieroglifos egipcios.

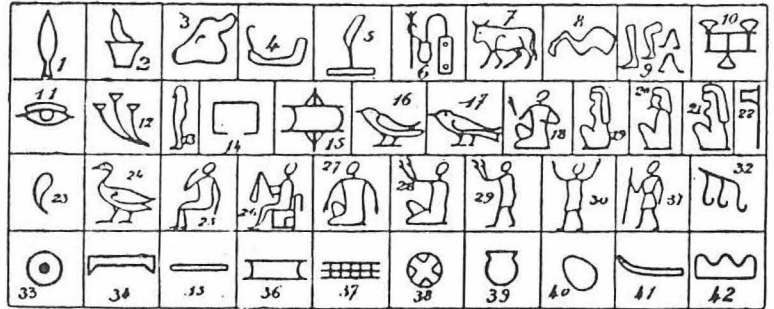
O obelisco de Rosette, encontrado pelas tropas francesas em 1799, durante a campanha de Napoleão, no Egipto, continha três espécies de caracteres: hieroglíficos, denoicos e gregos. Champollion notára nelles um cartucho contendo o nome de Ptolomeu e Cleopatra. A comparação das letras P, T, L, comuns aos dois nomes, deu-lhe a chave das primeiras letras. As outras seguiram-se, e em 17 de Setembro de 1822, apresentou à Academia das Inscricões e Belas Artes de Paris a primeira transcrição do alfabeto egipcio.

Esta descoberta permitiu lêr as inscrições dos monumentos, objetos e papiros do antigo Egipto e reconstituir, até seus menores detalhes, cinco mil anos da Historia de uma das mais antigas e interessantes civilizações,

Este estudo explica os caracteres da escrita hieroglífica do antigo Egipto: Quando os antigos povos do Oriente tentaram, pela primeira vez, exprimir seus pensamentos pela escrita, desenharam ou pintaram o objeto de que queriam dar impressão ou despertar a lembrança. Depois, estabelecido o habito de escrever assim, a pratica e a necessidade de ganhar tempo levaram naturalmente os homens a simplificar estes desenhos reduzindo-os a simples indicações rudimentares.

A principio foi, naturalmente, uma pintura das ideias ou ideografia. A cousa que se queria representar era pintada no seu conjunto. Depois creou-se um simples sinal que era por assim dizer uma abreviatura do desenho, representando-o convencionalmente.

Mas, quando se tratava de representar uma ideia, uma cousa abstrata, ou quando a imagem era muito complexa, a figura imitativa apresentava grandes dificuldades de execução. Espiritualista por natureza o egipcio recorreu, em breve, às figuras gramaticais para simplificar o desenho e facilitar a compreensão. Passou então a empregar as sinédoques, as metonímias, as metá-



OS IDEOGRAMAS - PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ESCRITA

- 1 - A arvore (Floresta).
- 2 - O vaso de onde se ergue uma chama (fogo, o calor).
- 3 - Uma cabeça de boi (A respiração).
- 4 - Um braço armado (Tudo quanto exige o emprego da violencia).
- 5 - Uma perna presa em uma armadilha (A astucia, a derraiva).
- 6 - A aparelhagem do escriba (A escrita, o pensamento).
- 7 - O touro (A valentia, a virilidade).
- 8 - Uma coxa de boi (A bravura).
- 9 - As pernas (A marcha em todos os sentidos).
- 10 - O caminho plantado de arvores (A caminhada, o passeio).
- 11 - Um olho (A vista, a ciência).
- 12 - Um ramo em flor (As plantas).
- 13 - A mumia (Os ritos religiosos e os funerais).
- 14 - A vela enfunada (O vento).
- 15 - O pirjal (A humildade).
- 16 - A Andorinha (A grandeza).
- 17 - O homem.
- 18 - O homem.
- 19 - A mulher.
- 20, 21, 22 - O deus, a deusa, o machado divino, os deuses.
- 23 - O pedaço de carne (Os membros).
- 24 - O ganso (Os passaros, os filhos).
- 25 - A creança levando um dedo à boei (A infancia, a fraqueza).
- 26 - O chefe sentado empunhando o chicote (Os reis, os velhos).
- 27 - Homem ou mulher com os braços caídos (A fraqueza).
- 28, 29 - O homem em adoração (O culto).
- 30 - O homem erguendo os braços (O desespero).
- 31 - O homem apoiando-se a um bastão (O chefe).
- 32 - A madeixa (A cabeleira, o luto).
- 33 - O disco solar (O sol, a luz).
- 34 - O teto (O céu, a elevação, a superioridade).
- 35 - A terra (Os paeses, a planicie, o Egipto).
- 36 - A bacia (A agua, a purificação).
- 37 - Os campos divididos (As provincias).
- 38 - O plano das cidades (As cidades importantes).
- 39 - O vaso.
- 40 - O ovo (A deusa considerada como mãe).
- 41 - A lingua (A alimentação, a palavra).
- 42 - A montanha (Os paeses montanhosos).

foras e os enigmas. Representavam parte do objeto pelo todo: o ramo pela arvore, a madeixa pela cabeleira, o efeito pela causa ou a causa pelo efeito: o instrumento pelo trabalho realizado. A estrela significava a noite; a ideia de um massacre era representada por braço armado com a massa d'armas. As vezes pintava um objeto que tinha ligação muito longinqua com a proposição anunciada: o laçarto personificava a multidão; a cabeça de leão, a coragem; a cabeça de boi, a respiração; recorria, em suma, ao simbolismo, pois que o desenho já tinha apenas ligações ficticias com a palavra que sintetizava: o gavião era o emblema do sol nascente; dois dedos simbolizavam a justiça etc.

Reunindo varias figuras elementares que um só simbolo, ou ideograma simples, não poderia significar, passou aos ideogramas compostos. O sinete colocado no canto do céu, simbolo do misterio do alem. A estrela suspensa no fundo do céu representava o céu noturno ou mesmo o céu infernal.

Com o tempo, esta escrita passou a exprimir os sentidos figurados tão facilmente como o sentido real. Fossem quais fossem os sistemas adotados na época em que se elevaram as piramides, até o dominio romano, extinguindo a civilização egipcia, o principio do hiero-

A	A	Â	Â	I	I	U	U	F	B	P
M	M	M	M	N	N	R	L	H	H'	Kh
S	S	Sh	Q	K	K	T	T	D	Dj	

O alfabeto egipcio ou seus ideogramas com as letras correspondentes.

glifo subsiste: encontram-se sempre estes ideogramas primitivos, de que damos uma gravura representando os principais, acompanhados da ideia correspondente a cada um

E' no entanto impossivel transmitir o pensamento reunindo simbolos e simbolos sem os ligar por nenhum

Am	Ba	Dou	Fa	Her	Kha	Ma	Nou	Ouab	Pekh

FIG. 3 - OS SILÁBICOS OU OS IDEOGRAMAS DOS SONS

O som ou silábico Am era representado, según o os casos, ou sentido, da frase, pela arvore (1); os braços estendidos (2); o Sol e seus raios (3); o andaime (4), que são ideogramas. Do mesmo modo para os outros silábicos Ba, Dou, Fa, Her, etc.

meio racional definindo suas relações reciprocas. Assim era necessaria uma interpretação fonetica mesmo rudimentar, da formula escrita. A cada um destes emblemas que não tinham leitura efetiva adaptou-se a palavra que servisse para nomear, na linguagem usual, a cousa que representava: creou-se assim o silábico que fez corpo com o ideograma e creou-se o fonetismo.

A fig. 3, mostra-nos algumas silabas. A cada silaba correspondem varios ideogramas. São sempre os ideogramas aos quaes o uso roubou o sentido primordial e que lembram, ao mesmo tempo, que a ideia necessita de vocalização.

O fonetismo não foi, em principio, mais do que um enigma em que o som tinha o primeiro lugar, em que as imagens alternaram sem consideração por sua significação inicial, em que as palavras da mesma pronuncia tiveram uma ortografia comum.

Reunindo diversos sinais, compuzeram-se frases, cujas letras nada tinham a vêr com a sua origem. Estas letras foram mais do que simples silabicas cuja ortografia se extinguiu. Só os ideogramas propriamente ditos, colocados no final das palavras, às quais se liga-



FIG. 6

Uma inscrição hieroglifica na qual os ideogramas são empregados, ao mesmo tempo, como ideogramas propriamente ditos, como silábicos e como caracteres alfabeticos.

vam, exprimiam ao leitor o sentido da frase. Assim, aplicados, os ideogramas constituíram os determinativos.

Mas, além dos silabicos e dos determinativos, certos ideogramas formam um alfabeto completo desempenhando o papel de sinais ortograficos, de radicais, que serviam para completar o sentido dos determinativos.

O Sol, Ra, é representado pelo disco solar, pois

que sua ortografia se liga com a das letras er e a. O ideograma olho (um olho desenhado) representa a palavra ar (vêr). Comumente e, à medida que nos aproximamos da decadência, as palavras se compõem de ideogramas e silabas que vêm complicar a presença de ideogramas considerados como caracteres alfabeticos.

A palavra as (cadeira) tinha duas anotações diferentes: Quando se tratava de assunto comum, o ideograma só preenchia as condições desejadas. Nos outros casos (banco, trono) o ideograma não passava de um determinativo e era precedido por letras alfabeticas a ou s. Se se tratava da deusa Isis sentada, o ideograma cadeira era seguido da letra t designação do feminino, de ovo, simbolo da deusa e da imagem da mesma, isto é, de seu ideograma. As figs. 4 e 5 permitem entrever essas diferenças.

Depois o sinal se tornou, por vezes, polifono e seu sentido ficou subordinado à pronuncia. O ideograma céu precedido do simbolo her e a letra r deve ser lido her, precedido pelo p e do t, deve-se lêr pet.

Partindo destes principios, o texto hieroglifico representado na fig. 6, poderá ser interpretado do seguinte modo:

O primeiro grupo compõem-se das silabas su (caniço) e nef (abelha) acompanhado do t. O segundo grupo das duas silabas simples neb (cesta) e ar. (o olho). Depois apareceu o terceiro grupo de letras alfabeticas, kh e t. O membro da frase seguinte repete a cesta, depois apareceu a perna do boi kopesch. Finalmente, um sinal especial ou cartucho destinado a receber um nome de soberano. A leitura prossegue assim: o ganso, sa, o disco solar ra, a bacia (mar), a letra f (serpente). O segundo cartucho contem o nome dinastico, depois os sinais dou, o pão de oferenda; ankh, a cruz; ma, o vaso suspenso; ra, djjet, a grande serpente, a letra D (a mão).

O silábico ar (olho), a letra N, a letra f, men, o pente, nov, os três vasos, a letra f, as letras n, t, f. A letra a (a folha), men, o pente, ra, o disco solar, a letra n. O conjunto lê-se:

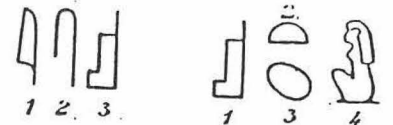


Fig 4 e 5 - O ideograma representando o objecto, precedido por caracteres alfabeticos correspondentes ao silábico que serve para enunciar-lo. O conjunto da figura 5 representa o nome da deusa Isis.

"Sou-t net neb ar khet neb kho-pech... sa ra mer ef dou ankh, ma ra djjet ar nef men nou f netef amen Ra". A tradução literal:

"O soberano (do paiz) dos caniços e das abelhas, o creador, aquele que é bravo... filho do Sol que engendra a vida fez oferenda ao Creador Amen Ra".

Convem notar que os enquadramentos ou cartuchos, nas diversas inscrições egipcias, encerram os nomes dos reis ou rainhas.

Essas explicações elementares, não tem outra intenção, sinão dar a ideia do que foi, em seu conjunto, no seu aspecto científico, o sistema da escrita hieroglifica, cuja lei de evolução é logica e continúa a ser a de todas as linguas primitivas.

O CONSELHO DE BUDDHA

"Gautama, não tinha o habito de orar. Ele não esperava nada dos deuses, mas tudo de si e das suas manifestações".

*Não acuses ninguém de coisa alguma!...
Suporta, com paciência, a culpa alheia;
O homem bom como o sandalo perfuma
o gume do machado que o golpeia!*

*A calunia, as ofensas, uma a uma,
sofre, com tolerância e com paciência,
que o odio contra o odio se avoluma!*

*Da Sã Meditação, a eterna ciencia
nos ensina, através a lei do karmá,
que um mal de outro mal é consequencia!*

*A mão de teu algóz, emfim, desarma;
não lhe dês o grilhão, essa cadeia
que, um dia, poderá servir de arma!
Suporta, com paciência, a culpa alheia!*

Domingos Magarinos

A CRIAÇÃO DO MUNDO

explicada por dois físicos norte-americanos com uma nova teoria

WASHINGTON — No congresso da União Americana de Geofísica, reunindo nesta cidade, os físicos norte-americanos R. A. Alpher e R. C. Herman, da Universidade John Hopkin, de Baltimore, expuzeram uma nova teoria da criação do Mundo. Afirmam aqueles investigadores que, primeiramente, existiu um neutrão de extraordinária densidade, a uma temperatura que andava próximo de 1.000 milhões de graus centígrados. Desse neutrão resultaram os 92 elementos naturais conhecidos e com eles se formou o Universo. Tudo isto se fez no espaço de trinta minutos, há 5.000 milhões de anos. O neutrão inicial decompôs-se num protão e num electrão, quer dizer, num átomo de hidrogenio; este multiplicou-se e formou o hélio. Os dois cientistas, neste passo da sua exposição, lembraram ao auditorio que a materia universal é constituída por uma combinação de hidrogenio e hélio em 98 por cento do seu total. Prosseguiram explicando que os protões que formaram o hidrogenio tinham, provavelmente, uma radioactividade suficiente para atrair outros protões; assim se constituíram estruturas atómicas complexas ao lado da do hidrogenio, relativamente simples, como é geralmente sabido. E daqui resultaram os elementos naturais, e com eles o vasto Mundo. Acrescentam, porém, os dois cientistas que se produziu um acontecimento misterioso qualquer antes da criação do Mundo. Que acontecimento foi, não se sabe — dizem os cientistas.

O carater, as mulheres e os pés

O sr. Harry Flanksman, director de uma fábrica de calçados americanos, assegura, por longa experiencia, que os pés são muitas vezes o espelho do carater de um individuo.

Em geral, as senhoras que calçam sapatos numero trinta e seis, são indecisas, de interesse limitados e não se preocupam pelos problemas intellectuais. Ao contrario, as que calçam numero quarenta, são generosas e se interessam pelas coisas do espirito. O tipo ideal calça o numero trinta e sete ou trinta e oito: boas, inteligentes e fiéis aos deveres de mãe e esposa. As de pé curto e cheio, são simpaticas e decididas; as de pé pequeno e de calcanhar muito desenvolvido, são mentirosas e infieis.

PENSAMENTOS

"O filósofo verdadeiro nem pretende reformar tudo, nem submeter-se a tudo, pois que não é nem um tirano, nem um escravo. Por isso mesmo, a filosofia pôde deve discutir de igual modo, os motivos da crença religiosa e os da crença científica". — MONTESQUIEU.

"É pelo livro e não pela espada com que a humanidade vencerá a mentira e a injustiça e conquistará a paz final da fraternidade entre os povos".

— EMILIO ZOLA

De um marcador de livros:

Um livro tanto pôde ser um poderoso auxiliar, como um formidavel destruidor de tua mente e de tua alma: tem cuidado na sua escolha.

Grande é, aquele que deseja instruir-se; maior, o que se instrúe; porém, muito maior, ainda, o que oferece seus conhecimentos aos demais.

Lê pouco e pensa muito.

Dizer o que se leu É COPIAR; porém, quando da meditação da leitura formamos novos pensamentos, É CREAR.

Não aceites nem repilas o que leres; medita, raciocina, para depois então decidires...

Discutir o que não se conhece... é de néscios.

Diz-me o que lês e te direi quem és...

O bem-estar de tua mente depende de teus pensamentos, tal como o de teu corpo, dos bons alimentos que ingeres

Maximas de um Principe Grego

Tudo o que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.
O que pude alcançar com a paz, nunca o tomei com guerra.

O que pude obter com rogos, nunca o fiz com ameaças.

O que pude emendar em segredo, nunca o castiguei em publico.

O que pude conseguir com avisos, nunca o fiz com castigos.

Nunca permiti a meus ouvidos, que escutassem lisonjas.

TERIA VOCE VIVIDO ANTERIORMENTE?

(Conclusão da 2.ª página)

sub-conciente, em fôrma de aptidões ou repugnancias, de virtudes e de vícios.

Exemplos? O postilhão que ia montando sucessivos cavalos, nos antigos postos de «póstos de encilhamento», era sempre o mesmo e percorria assim grandes distancias: porém, os cavalos em que sucessivamente ia montando eram distintos uns dos outros. As contas de um colar são todas diferentes entre si e, no entanto, graças ao «fio conector», constituem o colar propriamente dito, imagem fiel, a conta, de uma rotação ou dia da Terra, e o colar inteiro, a sua translação ou ano. Um eterno anél, mudando de «pedra» cada vez!...

O Homem, «a triplice maravilha» de Hermés o Trismegisto, é «Anjo», «Pensador» e «Besta» em uma só peça. Como Anjo é um raio divino do Logos Demiúrgico ou «anima-Mundi», como diria Platão, e tão eterno é perduravel como o sistema planetario animado pelo Sol, donde provém, Pela centelha de Pensamento que o reveste, é algo amoroso e volitivo, que reencarna, que atravessa com seu fio de ouro e sem sexo, vidas sucessivas ou seriadas, diversas bestas corporaes e terrestres, nas quais reencarna, para «desencarnar» depois, mil e uma vezes através de séculos incalculaveis... Alexandre, César, Napoleão, foram, sem duvida, seres humanos distintos, de épocas distintas; porém, sua Triade superior, sua Tónica única ao concerto humano, poderá ter sido a mesma através de suas correspondentes personalidades, e presidir assim as tremendas obras destruidoras e reformadoras do «Karma», ou missões de cada uma delas, através dos tempos. As diferentes personagens da Historia nascem, vivem e morrem como flores de um dia. Suas pessoas ou «mascaras» são distintas, porém presididas, ao longo de suas respectivas vidas, aqui em baixo, por um Pensamento coordenador.

Plutarco, em suas célebres «Vidas Paralelas», ajuntou aos pares diversos personagens gregos e latinos, dotados de características analogas, cousa que se poderia fazer com muitos outros, bastando comparar os discutidos ciclos de Vico, com os que a Historia parece repetir, si não em ciclos fechados, pelo menos em curvas de espiral. Porém, o grande discípulo de Platão teve o cuidado de não dizer que uns eram a reencarnação dos outros, assim como cada escala do plano não é a reencarnação, senão a continuação serial de quantas a antecedem ou a seguem. E, si grandes seres dizem recordar suas vidas anteriores, havemos de entender que nunca operaram taes recordações com o cerebro fisico, senão com a sublime intuição que é uma das características da «Triade». Cousa notável, por certo, é Sanchoniathon, Moysés, Budha, Jesús, Mahoma, S. Francisco de Assis e Beethoven, o martir apparecem cronologicamente seriados a distancias respectivas de uns seis séculos.

Por isso sempre encarei um relógio como algo sagrado. Nele sempre existe um volante ou um pendulo, coração vital do instrumento, que marca os segundos com as suas pulsações. Cada pulsação é como um ato ou um pensamento nosso que faz avançar, no relógio, um dente na rôda dos segundos. Uma rotação completa desta rôda é um minuto, ou o avanço de um dente da rôda dos minutos, com o que as rodas avançam pouco a pouco até as vinte e quatro de um dia. Relógios complicadissimos temos conhecido, que marcam os dias os meses os anos e poderiam marcar, si se desejasse, os

LEIA

ASSINE E

DIVULGUE

LUZEIRO

REVISTA MENSAL

séculos, os milenios, as yugas, as eternidades... porque «eternidade» não significa «sempre», em hebreo, senão um tempo muito grande, cuja indefinida duração escapa à nossa compreensão. Pois bem: através dos diferentes segundos, o minuto «reencarna» ou se manifesta, e assim por diante. Isto é, assim como na numeração, ás cústas de unidades se compõe a dezena, ás custas de dezenas, as centenas, etc., etc., e cada unidade superior se vai manifestando através das anteriores, nada, em realidade, «reencarna», senão que a Força Inteligente do Cósmos, ou Harmonia, vai se manifestando em cada caso concreto e adquirindo nele «estados de consciencia». Nossa vida sobre a Terra não é, pois, sinão um dos infinitos estado de «consciencia fisica», de alguma cousa superior, celeste, angélica, mistica, razão pela qual tem sido repetido, no Oriente, que a doutrina dos que creem que enquanto o homem desenvolve aqui em baixo, sua alma está nas estrelas é uma doutrina eminentemente ocultista.

A «Besta» vive em sua carne, o «Pensador», em seu Pensamento, e o «Anjo», «Augoeides», em esferas superiores, onde tudo é Amor, Harmonia, Verdade e Ordem.

COMPOSTO E IMPRESSO NA **Tipografia TAMOIO**
Rua Siq. Campos, 645 - Fone 663 (p.f.) -- STO. ANDRÉ

O NAVEGANTE SOLITARIO

(Continuação da página 3)

O navegante solitario não sabe o que é dormir. Suas palpebras caem, Seus olhos nunca se fecham...

Ancôra. E tirando uma chave do bolso, ei-lo que abre a única cabina do barco. Depois, com uma chave menor ainda, abre o unico objeto que ha dentro da cabina: um armario.

E parece uma boneca de porcelana: um rosto de mulhe- com os olhos azues cor do céu. Mas o céu encantada neles, mantem-se constantemente claro... Jamais se anuviará. Nunca relampejou. E' sempre a boneca de porcelana.

E diante da boneca, ajoelha-se o navegante solitario. Beija-lhe os sapatinhos de ouro dos pézinhos miudos. E depois, erguendo os olhos, fita com súplica ardente e suave, os olhos da boneca...

— Vive, anima-tel rogam os olhos do navegante. Vivo tão solitario! Soa tão só...

E quando o primeiro raio matutino deslisa sobre o silencioso espelho das aguas, a súplica se extingue nos olhos do navegante. E suspirando, ele se ergue, fecha o armario com a chave pequenina e com a grande a cabina. E, novamente, com os olhos frios cintilando no rosto sombrio, ele retoma o leme.

E assim passam-se dias, meses e anos..

(Conclui no proximo numero)

HORÓSCOPO

Destino e caráter dos nascidos sob o Signo de Cancer

(Os astros inclinam, porem não determinam)

(De 21 de Junho a 20 de Julho)

Todas as pessoas nascidas sob o signo de Cancer são sensíveis, tímidas e retraídas, mas de grande tenacidade. Gostam de ser notadas, mas, ao mesmo tempo, parecem simples e pouco dispostas a se mostrarem. São economicas, conservadoras, romanesca e imagináveis e, enquanto não são compreendidas, parecem uma mistura curiosa de caprichos e contradições, sem que haja nelas a menor intenção disso. Essa disposição as torna de humor triste e inquieto, até que aprendam a governar-se. Esse mau humor é um dos defeitos principais deste signo.

As pessoas sob o signo de Cancer que não tenham uma boa educação intelectual e moral, são verdadeiros amontoados de nervos e inconsciência, pela indecisão e hesitação no que se refere nos sentimentos e emoções. Quando possuem desenvolvimento intelectual e moral, a nervosidade se unifica para constituir uma vontade tenaz ou um desejo persistente, que as leva a seu fim, quer pelo tato, quer por uma persistente persuasão.

Ha dois extremos neste signo; de um lado, os tipos indolentes ou preguiçosos e, de outro, os ambiciosos e infatigáveis, que são persistentes e tenazes, mais do que energicos e ativos.

Gostam de pessoas mais velhas, costumes antigos, reliquias, antiguidades, curiosidades e todas as cousas ligadas ás memorias do passado.

Devem desconfiar dos "protetores", que constituem um grande obstaculo na existencia, que será relativamente tranquila e modesta.

As mulheres nascidas neste periodo são excelentes enfermeiras e boas dirigentes. Os homens tem aptidões para a vida do mar, negocios publicos, assim tambem, dos que tem mudanças e movimento rapido de dinheiro.

São bons casamentos com pessoas de 23 de Outubro a 21 de Novembro ou de 20 de Fevereiro a 20 de Março.

Existem três classes de individuos nascidos sob o signo de Cancer, como mostra o quadro ao lado:



Os que nascem de 21 a 30 de Junho,
são bastante sensíveis, economicos, persistentes e ambiciosos; de espirito vivaz, sociavel e simpaticos.



Os nascidos de 1 a 10 de Julho
possuem um caracter irritavel, repentino e apaixonado. São perigosos quando lhes faltam as qualidades morais, sendo muito oclmentos pouco inclinados ao perdão. Passam por muitas violasitudes. Se distinguem por um tenaz apêgo à vida, que dá uma persistencia notavel em alcançar o que desejam. Amam as ciencias e as artes e possuem possibilidades de lograr riqueza.



Os que nascem de 11 a 20 de Julho,
não são muito felizes durante os primeiros anos de vida, e, a proporção que a vida progride, se desenvolvem rapidamente se adaptando ao ambiente: são muito simpaticos e benevolos, hospitaleiros e inclinados ao perdão.

Quem Sois, Leitor Amigo?

(Conclusão da p. página)

to; a ideia, força hiperfísica; os seres que se foram, as as coisas que já não existem, o ignoto, o nonato o numênico, o que as essências anima e vivifica.

Na nossa infancia tôdas as garatuas são figuras; todos os ruidos, mistérios; tôdas as coisas, símbolos incompreensíveis. Na juventude o mais profundo de nossos sentimentos está sintetizado num ideal inexequível, criado por nossas deliciosas fantasias. Na velhice vivemos a vida das recordações, que é a vida de tudo quanto já perdemos... Sempre, sempre o invisível.

Diante do telefone, leitor amigo, não tendes desejado alguma vez contemplar o rosto desta telefonista, a quem jamais se vê, mas sempre se ouve? Diante da fama-assombrosa de alguém, não desejais conhecer quem a monopoliza? Diante do que é proibido, não haveis sentido mais de uma vez a saborosa doçura que o poeta apontaria como "fruto do pomar visinho"? Diante do futuro e seu misterio, não sentis que quanto mais problemático é o desconhecido, mais sois para ele atraído?

Devorada sede, anseio infinito, é tudo aquilo que não vemos, mas leva a fustigar continuamente os nossos desejos. Há algo, entretanto, mais terrível que o perigoso agulhão da literatura, através da qual todos nos vêm, mas cada um, é lógico, a sua maneira?

Ideias más, toda a mente honrada teme a sua publicidade; mais que o disparo de uma arma num comício... ou uma fera solta entre crianças que brincam no campo. Todos os venenos dos Borgias e Medicis representam pouca coisa diante do alcalóide letal que pode verter uma pena ins'cra. Ideias há, entretanto que embora transcendentes, mal são lançada, e já repercutem de

modo inverso e perigoso no seio dos maus entendedores. Sempre a "letra que mata" em vez do "espirito que vivifica". Por essa razão, Jesus e os outros Instrutores de homens: falavam ao povo por meio de parábolas (de véus ou Mayã), e aos discipulos, às claras ou de modo revelado.

Por tudo isso e mais ainda, é que não há público mais temível do que o formado pelos leitores que o escritor jamais chegará a conhecer...

Quisera escrever em lingua ignorada, cuja chave misteriosa somente os bons e sinceros possuíssem, mas nunca esses infelizes que preferem ser maus, esquecendo que virtude e ciência são, em verdade, uma só e mesma coisa.

Quisera, sim, falar uma linguagem em que não existissem sinônimos atenuadores ou agravadores da ideia na sua virginal e pristina integridade.

Quisera não despertar ideias, mas intuições claras e precisas, que na realidade são ideias de ideias quintessenciadas.

Quisera, finalmente, não escrever periodos inteiros, desconhecidos para a maioria, e sim música, essa música ou verso sem igual que as próprias epopeias agiganta, do Mahabharata ao Fausto, da Odisseia a Tristão e Isolda, do Paraíso Perdido e Divina Comedia, a Lohengrin e Valkirias.

E se compositor musical fôsse, deixaria aqui a pena para fazer uma balada, uma romanza sem palavras, à Mendelssohn, Bach, Beethoven, Wagner, entre eu e meu leitor, à guiza daquela do "Triunfo da Morte" de D'Anunzio, na solidão de Iniciados como Demetrio e Jorge Auripa, o tio e o sobrinho, antes que aquêlé transpuzesse os Umbrais do Eterno. A "romanza", sim, sobre o tema inevitável de **Quem sois, leitor amigo?**